

Gramaticalização: por uma perspectiva socialmente situada

Grammaticalization: from a socially situated perspective

Gramaticalización: desde una perspectiva socialmente situada

Edair Maria Görski

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/Brasil)
edagorski@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-0797-1243>

Carla Regina Martins Paza

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC/Brasil)
carlapaza10@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-1854-915X>

Maria Alice Tavares

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN/Brasil)
aliceflp@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2055-7570>

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir a ideia de que o ritmo da gramaticalização depende de condições sociolinguísticas. Partimos de considerações sobre o locus de variação/mudança em estudos sociolinguísticos i) distinguindo entre mudanças que se disseminam na língua como um todo e usos emergentes e/ou já fixados que são circunscritos a certas comunidades ou grupos sociais; e ii) buscando articulá-las com estudos funcionalistas de gramaticalização em perspectiva estrita e estendida. Ilustramos o primeiro tipo de gramaticalização com o caso da perífrase *ir + Infinitivo* expressando tempo futuro; e o segundo tipo com o caso do conector *daí e do marcador discursivo entendessee?*, itens que se encontram em

movimentos de gramaticalização. Defendemos a relevância da inserção de uma perspectiva socialmente situada nos estudos de gramaticalização, de modo a contemplar tanto fenômenos que atingem a língua como um todo, quanto usos emergentes e circulantes em diferentes grupos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Locus da gramaticalização; Usos emergentes; Grupos sociais

ABSTRACT

*The aim of this article is to discuss the idea that the pace of grammaticalization depends on sociolinguistic conditions. We start from considerations about the locus of variation/change in sociolinguistic studies i) distinguishing between changes that spread throughout the language as a whole, and emerging and/or already fixed uses that are circumscribed to certain communities or social groups; and ii) seeking to articulate these notions with functionalist studies of grammaticalization in a strict and extended perspective. We illustrate the first type of grammaticalization with the case of the periphrasis *ir* + Infinitive to express future tense; and the second type with the case of the connector *daí* and the discursive marker *entendesse?*, items that are undergoing grammaticalization movements. We defend the relevance of including a socially situated perspective in grammaticalization studies, in order to encompass both phenomena that affect the language as a whole, and emergent and circulating uses in different social groups.*

KEYWORDS: Locus of grammaticalization; Emerging uses; Social groups

RESUMEN

*El objetivo de este artículo es analizar la idea de que el ritmo de la gramaticalización depende de las condiciones sociolingüísticas. Partimos de consideraciones sobre el lugar de variación/cambio en los estudios sociolingüísticos para: i) distinguir entre cambios que se propagan por toda la lengua en su conjunto y usos emergentes y/o ya fijados que se circunscriben a ciertas comunidades o grupos sociales; y ii) tratar de articular estas nociones con los estudios funcionalistas de gramaticalización desde una perspectiva estricta y ampliada. Ilustramos el primer tipo de gramaticalización con el caso de la perífrasis *ir* + Infinitivo para expresar el futuro; y el segundo tipo con el caso del conector *daí* y el marcador discursivo *entendesse?*, elementos que están experimentando procesos de gramaticalización. Defendemos la relevancia de incluir una perspectiva socialmente situada en los estudios de gramaticalización, para abarcar tanto los fenómenos que afectan a la lengua en su conjunto como los usos emergentes y circulantes en diferentes grupos sociales.*

PALABRAS-CLAVE: Locus de gramaticalización; Usos emergentes; Grupos sociales

1 Introdução

Os pressupostos teóricos de abordagens que tratam da língua em uso – especialmente a Sociolinguística Variacionista e o Funcionalismo Linguístico de linhagem norte-americana, campos de interesse neste artigo e que costumam constituir a interface sociofuncionalista¹ – contemplam, entre outros aspectos, a concepção de língua e de gramática, a questão da heterogeneidade linguística (variação e mudança) e o papel dos usuários da língua (falantes-ouvintes); quanto às práticas analíticas, em geral consideram, além do tipo de análise empreendido e da natureza das amostras, também o *locus* em que se delimita onde os dados são observados. Chama-nos a atenção, no entanto, o fato de que, enquanto estudos variacionistas em suas diferentes fases – considerando-se as três ondas da sociolinguística (Eckert, 2022 [2012]) – têm uma preocupação explícita com o *locus* de grupos sociais no processo de variação/mudança, estudos funcionalistas voltados à gramaticalização, em geral, parecem não atribuir tanta importância a essa dimensão social. Deparamo-nos frequentemente com situações do tipo: i) estudo do fenômeno variável X na comunidade de fala Y, ou em redes sociais tais, ou em comunidades de práticas tais – no âmbito dos estudos variacionistas; e ii) estudo do fenômeno X na língua Y – no âmbito dos estudos funcionalistas.

A situação ii), dado seu caráter mais genérico, acaba por vezes gerando dificuldades para o analista especialmente quando este se depara com usos emergentes, cujo espraiamento se circunscreve a certos grupos, e se inclina a tratar tais fenômenos sob a ótica da gramaticalização na língua (como um todo). Não raro, se encontram posições divergentes entre pesquisadores, que propiciam interessantes debates no campo. Isso, longe de ser um empecilho, opera como um gatilho para o avanço de reflexões que buscam expandir, em termos conceituais e metodológicos, o arcabouço da gramaticalização, especialmente em relação a aspectos sociolinguísticos

Nessa direção, Heine e Narrog (2015), evocando Nevalainen e Palander-Collin (2011), salientam que as pesquisas no campo da

¹ Embora no Brasil a abordagem sociofuncionalista não se restrinja ao tipo de interface mencionada – podendo, na dimensão funcional, tanto acionar outras vertentes (como a Gramática sistêmico-funcional ou a Gramática discursivo-funcional), quanto abrigar não só estudos de gramaticalização mas também de construcionalização –, a vertente que nos interessa discutir aqui é a da Gramática cognitivo-funcional, de linhagem norte-americana, e, mais especificamente, os estudos de gramaticalização desenvolvidos nessa perspectiva. Um panorama atual de estudos sociofuncionalistas na Região Nordeste pode ser conferido no periódico: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/issue/view/470>.

gramaticalização têm se concentrado em processos que são uniformes nas comunidades de fala, e prestado pouca atenção a questões sociolinguísticas e a distinções sociais presentes em processos de mudança gramatical, envolvendo, por exemplo, *domínios sociais de uso da língua*. Petré e Van de Velde (2018), igualmente, chamam a atenção para o fato de que um aspecto dos estudos de gramaticalização pouco desenvolvido diz respeito a fatores sociolinguísticos, especialmente no que diz respeito a *como as mudanças se manifestam entre os indivíduos*.

É nesse cenário que se inscreve o presente artigo. Nosso objetivo é discutir a ideia de que o ritmo da gramaticalização depende de condições sociolinguísticas, conforme proposto por Heine e Kuteva (2007); e, nesse sentido, refletir sobre contribuições da Sociolinguística Variacionista no que tange à dimensão social – especialmente quanto ao papel de diferentes grupos sociais – para estudos de gramaticalização sob uma ótica funcionalista. Entendemos que mudanças via gramaticalização podem acontecer tanto na *língua* como um todo como em *grupos sociais* específicos, podendo ser interpretadas em perspectiva estrita ou estendida e, enquanto processo, como *gramaticalização em curso* ou como *movimentos de gramaticalização*, conforme discutido adiante.

Considerando os principais tipos de prática analítica observados em estudos sociofuncionalistas brasileiros – i) com foco no direcional variação □ mudança, acionando explicações funcionais para os fenômenos em variação; ii) com foco no direcional mudança □ variação, contemplando gramaticalização e variação circunscrita a um domínio funcional; e iii) com foco em multifuncionalidade e gramaticalização, utilizando recursos metodológicos da sociolinguística variacionista – (Görski; Paza, a sair), situamos nossas reflexões entre ii) e iii).

Este texto se organiza da seguinte maneira: inicialmente, fazemos uma breve incursão no campo da Sociolinguística Variacionista em suas diferentes fases, considerando o *locus* de grupos sociais; na sequência, refletimos sobre o *locus* de grupos sociais em estudos de gramaticalização, seja em uma perspectiva estrita (gramaticalização como redução – exemplificada pelo caso da construção *ir* + Infinitivo), seja em uma perspectiva estendida (gramaticalização como expansão – exemplificada pelo caso do conector *daí* e do marcador discursivo *entendesse?*); encerramos o texto com as considerações finais.

2 O *locus* dos grupos sociais em estudos da variação/mudança na Sociolinguística Variacionista

Na perspectiva da Teoria da Variação e Mudança² (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]; Labov, 2008 [1972]; Labov, 1982), o *locus* da variação e mudança linguística é a comunidade de fala, de acordo com o seguinte princípio geral: “As gramáticas em que ocorre a mudança linguística são *gramáticas da comunidade de fala*” (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968], p. 126; grifo acrescido). Tal princípio parece sinalizar que i) não se trata de *uma gramática da língua*, e ii) uma língua abrange mais de uma comunidade de fala, inferindo-se que há mais de uma gramática em jogo.

Essa ideia ganha sustentação na definição de comunidade de fala formulada por Labov (2008 [1972]):

A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de *normas compartilhadas*; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela *uniformidade de padrões abstratos de variação* que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso (Labov, 2008 [1972], p. 150; grifos acrescidos).

Uma comunidade de fala não pode ser concebida como um grupo de falantes que usam todas as mesmas formas; ela é mais bem definida como um grupo que compartilha as mesmas normas [atitudes sociais] a respeito da língua. Neste sentido, falantes mais velhos e mais jovens da cidade de Nova York pertencem a comunidades de fala ligeiramente diferentes³ (Labov, 2008 [1972], p. 188).

As duas citações precedentes colocam em relevo a ideia de normas sociais compartilhadas a respeito de usos linguísticos que são sujeitos à avaliação pelos falantes; o que entra em cena como um importante critério definidor, nesse caso, é o *significado social* das variantes.

² Não estamos fazendo distinção aqui entre Teoria da Variação e Mudança e Sociolinguística Variacionista, usando ambos os termos para nos referir tanto à teoria da mudança linguística (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]), como à sociolinguística variacionista (Labov, 2008 [1972]).

³ Nessa passagem, Labov estava se referindo à produção e avaliação de (r) na cidade de Nova York, tendo encontrado padrões de comportamento distintos entre as duas faixas etárias consideradas. Além disso, ao tratar da variável vocálica (*lost*), o autor menciona que as pessoas criadas fora da cidade não exibem o mesmo padrão regular de reações subjetivas dos nativos (Labov, 2008 [1972]).

A definição de comunidade de fala evoca ainda um outro aspecto: a “uniformidade de padrões abstratos de variação” (Labov, 2008 [1972], p. 150). Essa característica é reforçada por Guy (2001) ao propor que os limites entre uma comunidade de fala e outra devem ser vistos em termos de diferenças gramaticais (além de diferenças entre normas sociais compartilhadas), que seriam observadas pelos efeitos de contexto⁴, o que apontaria para *diferentes comunidades* e *diferentes gramáticas*, que podem se apresentar interligadas em diferentes graus.

Não obstante esse constructo teórico ter recebido inúmeras críticas na área (Romaine, 1982; Figueroa, 1994; entre outros) –, e Patrick (2004, p. 593) ponderar que a noção de comunidade de fala não deve ser tomada como “entidades predefinidas à espera de serem pesquisadas, [...] mas como objetos reconstituídos pelo olhar e pelas questões do pesquisador”⁵ –, trata-se de uma noção que é central nos chamados estudos variacionistas de primeira onda (Eckert, 2022 [2012])⁶, que se alinham fortemente à vertente laboviana. Nos estudos dessa primeira fase, a mudança é vista em seu caráter estrutural, correlacionando-se a estrutura linguística à estrutura social sob a ótica sociológica de uma sociedade estratificada.

Ainda no âmbito da Sociolinguística Variacionista, outras duas noções de comunidade/grupo social têm sido postuladas – redes sociais e comunidades de práticas –, mais voltadas ao papel do indivíduo no grupo.

Redes sociais são redes de relacionamento dos indivíduos cujos laços são estabelecidos na vida cotidiana, podendo envolver graus de parentesco, amizade, ocupação etc. (Milroy, 1980). Desenvolvendo-se sob uma lente etnográfica, os estudos captam a mudança na dinâmica social dos falantes que se relacionam em redes ou grupos, de modo que formas vernaculares, por exemplo, podem ganhar reforço de valores culturais locais (em redes sociais densas), resistindo à influência de forças externas; ou ceder espaço para outras formas em razão dos falantes adotarem valores de outros grupos (em redes sociais frouxas). Via de regra há fatores identitários locais atuando fortemente

⁴ Os “efeitos de contexto”, segundo Guy (2001), são medidos através de resultados estatísticos probabilísticos, com pesos relativos associados a fatores condicionadores de fenômenos linguísticos variáveis.

⁵ No original: “we ought not to assume SpComs [speech communities] exist as predefined entities waiting to be researched, [...] but see them as objects constituted anew by the researcher’s gaze and the questions we ask”. As traduções ao longo do texto são livres e de nossa responsabilidade.

⁶ Eckert (2022 [2012]) propõe uma sistematização dos estudos variacionistas com base nos critérios de significado social e práticas analíticas, distribuindo-os em três ondas, que sinalizam diferentes perspectivas acerca da relação entre língua/indivíduo/sociedade.

sobre os usos linguísticos. Estudos com redes sociais são característicos da segunda onda variacionista (Eckert, 2022 [2012]), em cuja perspectiva a mudança é observada em movimentos mais locais e associada a comportamentos individuais em interação nas redes sociais mais do que a falantes socialmente estratificados numa comunidade mais ampla.

Comunidades de prática, por sua vez, identificam grupos sociais em virtude de práticas compartilhadas: modos de fazer coisas, visões, valores, modos de falar – e não por características abstratas compartilhadas (como classe e gênero) ou por simples copresença (como vizinhança e local de trabalho). Eckert (2006) considera que a comunidade de prática é um ambiente rico para o estudo situado da língua, da mudança linguística e de processos de convencionalização de significados, constituindo-se no *locus* principal no processo de construção linguística e identitária. Estudos com comunidades de prática também são desenvolvidos num enfoque típico de segunda onda (como o de Eckert (2000), com dois grupos de adolescentes de uma escola pública americana de Detroit).

O aspecto a ser destacado em relação aos dois parágrafos precedentes – que é importante para a defesa de uma perspectiva socialmente situada em estudos de gramaticalização – é o da questão identitária associada ao comportamento dos indivíduos em seus grupos sociais, como será mostrado adiante.

Além do foco em grupos sociais, os próprios falantes também podem ganhar lugar de destaque – é o que se verifica em estudos de terceira onda (Eckert, 2022 [2012]), em que o protagonismo é dos sujeitos agentivos no cenário social através da prática estilística, de modo que atos de linguagem são vistos como atos de identidade. O impacto sociológico da variação linguística se dá mediante a contínua modificação de personas (tipos sociais) existentes e a emergência de novas personas ao longo da vida, cujos usos estilísticos em variação e mudança, ao caracterizarem tipos sociais que se estabelecem, podem contribuir para mudanças sociais mais amplas.

Em comunidades virtuais, esse movimento agentivo é particularmente evidente, pois a circulação acelerada de estilos e práticas discursivas permite que os sujeitos performem e reajustem continuamente suas personas sociais diante de públicos ampliados e altamente responsivos. O estudo de Amaral (2020) sobre a emergência do morfema inovador {-*STE*} na comunidade virtual *Tal Qual Dublagens* é ilustrativo desse processo, já que o uso inovador feito pelo administrador da página enquanto performa a persona *Titia Tal Qual* é difundido por usuários engajados, ao passo que o mobilizam para performar

tipos sociais específicos, produzir humor, reforçar alinhamentos e negociar identidades coletivas. Assim, as comunidades virtuais funcionam como espaços férteis para a criação, estabilização e transformação de personas, contribuindo para mudanças sociais e linguísticas, ainda que possam ficar restritas a esses contextos.

Podemos perceber que, sob qualquer uma das perspectivas descritas, a análise de variação e mudança se volta não para a língua como um todo, mas para usos linguísticos de falantes circunscritos a determinados grupos sociais – seja o grupo mais abrangente de uma *comunidade de fala* (considerando categorias macrossociais), seja o grupo mais local de uma *rede social* (considerando a interação entre os membros), seja o grupo que se agrega numa *comunidade de prática* (considerando interesses, experiências e conhecimentos compartilhados) –, ou se volta ainda para a performance estilística de determinados sujeitos.⁷

3 O locus de grupos sociais em estudos de gramaticalização⁸: reflexões a partir de estudos da Sociolinguística Variacionista

Como já sinalizado anteriormente, muitos estudos funcionalistas alinhados à vertente norte-americana têm considerado a mudança na *língua*, seguindo a premissa givoniana: “As pressões adaptativas que dão forma à estrutura sincrônica (‘idealizada’) da língua são exercidas durante a performance on-line. É aí que *a língua emerge e muda*. É aí que as formas se ajustam constantemente a novas funções e significados estendidos.” (Givón, 2002, p. 5; grifos acrescidos). Em relação à gramaticalização, o ponto de partida costuma ser a emergência de novos usos de uma forma que, pela força da recorrência, estabelecem padrões que vão gradualmente se estabilizando. Assim, em termos gerais, uma gramática funcional engloba tanto a relação regularmente estruturada e relativamente estável entre formas e funções/significados como a emergência e expansão de novos usos

⁷ Não é nossa intenção neste artigo nos aprofundar em estudos sociolinguísticos sobre essas diferentes configurações sociais. Há muitos trabalhos brasileiros que abordam essas questões (Freitag, 2014; Azevedo; Freitag, 2023; entre outros).

⁸ Lembramos que, nos estudos de gramaticalização, o processo relevante é o de mudança envolvendo um ou mais itens (e não o de variação entre dois ou mais itens). É apenas indiretamente que o princípio de estratificação (Hopper, 1991) abre espaço para se falar em variação, ao enunciar que camadas/formas novas e antigas podem coexistir dentro de um mesmo domínio funcional. Nesse sentido, a variação decorre de mudança(s).

linguísticos em um processo de gramaticalização (Givón, 2001; Hopper; Traugott, 2003).

Heine e Kuteva (2007), entretanto, colocam luz na dimensão social da mudança por gramaticalização ao situarem no parâmetro extensão,⁹ ao lado de um componente semântico-pragmático-discursivo, também um componente sociolinguístico, sendo que i) no primeiro, a mudança invade um domínio funcional¹⁰, se generalizando nesse domínio e/ou se espalhando para outros domínios; e ii) no segundo, a mudança se difunde a partir de um ato individual de inovação, a qual passa a ser adotada por outros falantes, podendo se espalhar para uma comunidade inteira. O que fica em evidência é que a gramaticalização envolve um percurso, podendo a mudança ser captada em seu ponto de origem, em andamento ou em seu ponto de chegada, mesmo que este não seja definitivo, uma vez que, na dinâmica da língua em uso, a estabilidade pode ser relativamente provisória (Görski; Valle, 2021); e que o ritmo da gramaticalização depende do contexto linguístico e sociolinguístico em que ocorre, ou seja, depende de “*condições sociolinguísticas para a gramaticalização*” (Heine; Kuteva, 2007, p. 333; grifo acrescido).

Alguns questionamentos são suscitados a partir do que foi exposto até aqui, aos quais buscamos responder ao longo do texto: i) Que relação se pode estabelecer entre diferentes pontos da trajetória de gramaticalização de um item e diferentes grupos sociais?; e ii) Que contribuições podem advir dos estudos da Sociolinguística Variacionista acerca do papel dessas diferentes configurações sociais na mudança via gramaticalização?

Partimos do pressuposto de que, em princípio, não existem restrições quanto ao *locus* a ser considerado em estudos de gramaticalização: movimentos de gramaticalização podem se limitar a certos grupos sociais, ou a determinadas áreas geográficas, não precisando necessariamente atingir uma dada língua como um todo. O que parece ser relevante para definir o *locus* da mudança é justamente o estágio em que o processo está sendo captado. Assim, em termos gerais, quanto mais disseminada estiver uma mudança, mais abrangente será o grupo social que dela fará uso.

Correndo o risco de um certo reducionismo por efetuar um recorte aparentemente polarizado, organizamos as reflexões a seguir em duas subseções com base em duas concepções distintas de gramática e de

⁹ Heine e Kuteva (2007) consideram os seguintes parâmetros envolvidos na gramaticalização: extensão, dessemantização, decategorização e erosão.

¹⁰ Os domínios funcionais são multidimensionais, escalares e superordenados, podendo recobrir áreas funcionais gerais (macrodomínios) ou mais restritas (microdomínios), a depender do ajuste de foco da lente do analista (Görski; Tavares, 2017).

gramaticalização: i) uma concepção de gramática que marginaliza aspectos pragmático-discursivos, privilegiando o nível morfossintático-semântico – em harmonia com uma concepção de gramaticalização como redução, ou gramaticalização em perspectiva estrita; e ii) uma concepção de gramática que amplia os níveis linguísticos, incluindo aspectos pragmático-discursivos – em consonância com uma concepção de gramaticalização como expansão, ou gramaticalização em perspectiva estendida. Ambos os casos são ilustrados com fenômenos linguísticos do português do Brasil (PB), contemplando tangencialmente também a variação.

3.1 Gramaticalização em uma perspectiva estrita

O que estamos denominando de *perspectiva estrita* tem sua origem na visão tradicional de gramaticalização, alinhada à clássica definição de Kurylowicz (1965, p. 69): “gramaticalização consiste no aumento do alcance de um morfema, passando de um status lexical para um gramatical ou de um status menos gramatical para um mais gramatical”.¹¹ Essa definição é, posteriormente, adaptada por Heine e Kuteva (2007, p. 32): “Gramaticalização é definida como o desenvolvimento de formas lexicais para formas gramaticais e de formas gramaticais para formas ainda mais gramaticais”¹² – com a substituição de “morfema” por “forma”, que inclui também construções. As formas, basicamente, sofrem perda de elementos semânticos, morfológicos e fonéticos, bem como flexibilidade posicional, tornando-se mais dependentes, daí o termo *gramaticalização como redução* (Traugott, 2010).

Essa concepção restringe a gramaticalização a certos domínios da gramática, como tempo-aspecto-modalidade¹³, caso, concordância, envolvendo aumento de dependência estrutural das *formas*. Além disso, costuma contemplar *fenômenos em estágios avançados de mudança* ao longo do tempo rumo a uma fixação estrutural em algum nível da gramática que não inclui o pragmático-discursivo, de sorte que os fenômenos considerados como

¹¹ No original: “grammaticalization consists in the increase of the range of a morpheme advancing from a lexical to a grammatical or from a less grammatical to a more grammatical status”.

¹² No original: “Grammaticalization is defined as the development from lexical to grammatical forms, and from grammatical to even more grammatical forms”.

¹³ Note-se, porém, que embora alguns autores situem tempo-aspecto-modalidade no âmbito da sintaxe frasal, a abordagem funcionalista givoniana situa esse domínio funcional complexo na articulação entre os níveis da semântica proposicional (escopo oracional) e da pragmática discursiva.

gramaticalizados ou em gramaticalização não costumam suscitar questionamentos. Vejamos um caso representativo no PB.

No paradigma verbal, vários estudos variacionistas de caráter diacrônico e/ou sincrônico atestam a emergência e difusão da perífrase *ir* + INF (infinitivo) na codificação do domínio funcional do tempo futuro do presente no PB, entrando em competição com a forma verbal canônica (*vou sair/sairei*). O uso da perífrase é sensível a restrições contextuais: na língua escrita, gêneros discursivos de caráter mais formal favorecem a forma verbal canônica, ao passo que gêneros com linguagem mais informal já vêm dando mais espaço para a perífrase; na língua falada, a perífrase é praticamente soberana (Bragança, 2017). Existe, no entanto, uma particularidade importante: a efetiva gramaticalização de *ir* como auxiliar de futuro ainda sofre uma forte restrição, especialmente em algumas regiões, quando o verbo principal é *ir* (*vou ir*), situação em que muitos falantes interpretam ambas as formas como verbo pleno de movimento, rejeitando a construção que, nesse caso, significaria “ir duas vezes”. Ressalte-se, porém, que no Rio Grande do Sul, a forma específica *vou ir* parece estar em estágio mais avançado de gramaticalização, sendo de uso bastante disseminado e bem aceito entre os falantes, com certas restrições apenas quanto ao tipo de registro (Gibbon, 2014).

Tal particularidade aponta para a seguinte distinção em termos de escopo da gramaticalização: i) do ponto de vista categorial, pode-se dizer que a perífrase *ir* + INF (como *type*) encontra-se gramaticalizada no PB como forma verbal de expressão do tempo futuro do presente, estando sujeita a restrições contextuais que envolvem modalidade e graus de formalidade; ii) do ponto de vista de um uso específico, a combinação *ir* + *ir* (como *token*) situa-se em estágios distintos de mudança aparentemente associados à região geográfica, ou seja, essa construção parece não ser ainda usada na *língua como um todo*, mas concentrar-se em certa(s) comunidade(s). Essa especificidade de uso remete à ideia de *gramaticalização em curso* (Erman, 1995; Androutsopoulos, 1999) – que remete à noção sociolinguística de mudança em curso –, com a expectativa de que o item (*ir* + *ir*) pode vir a ter seu uso totalmente inserido no sistema verbal do PB. Resultados de estudos variacionistas sobre diferentes comunidades de fala certamente têm contribuído para o mapeamento desses usos no PB e se mostram essenciais para a identificação de estágios de gramaticalização.

3.2 Gramaticalização em uma perspectiva estendida

Essa perspectiva corresponde à *gramaticalização como expansão* (Traugott, 2010), envolvendo um aumento de multifuncionalidade dos itens e incluindo elementos de níveis gramaticais mais altos, como conectores e marcadores discursivos interacionais, o que implica um alargamento do conceito de gramática. Esse tipo de abordagem é condizente com as seguintes concepções: i) a *gramática* codifica, articuladamente, os níveis da semântica proposicional e da pragmática discursiva, e seu escopo recai “predominantemente sobre as relações de coerência entre a proposição (oração) e o contexto comunicativo mais amplo, seja o texto corrente, seja a situação de fala face a face e, nesta última, a interação falante-ouvinte”¹⁴ (Givón, 2018, p. 35); e ii) a *gramaticalização* é “mudança pela qual itens e construções passam, em certos contextos linguísticos, a desempenhar funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver *novas funções gramaticais*”¹⁵ (Hopper; Traugott, 2003, p. xv; grifos acrescentados). Essa definição de gramaticalização coloca em relevo o papel do contexto, uma vez que a mudança não atinge um item isoladamente e nem um item em todos os seus usos de uma vez; e também a ideia de *ganho* de “novas funções gramaticais” em vez de “funções mais gramaticais”, distanciando-se assim da noção clássica de gramaticalização.

Na esteira dessa perspectiva estendida, observam-se fenômenos que se disseminaram na *língua como um todo*, como, por exemplo, o caso de *aí* como conector no domínio funcional da “sequenciação retroativo-propulsora de informações”, de emprego abundante na fala, porém com restrições contextuais na escrita (Tavares, 2003). Casos como esse, considerados em estágio avançado de mudança (advérbio > conector), são facilmente tratados sob a ótica de *gramaticalização em curso*, especialmente por ter seu uso relativamente generalizado na língua.

Paralelamente à concepção de *gramaticalização em curso* – que parece implicar a expectativa de que determinado uso está se propagando (ou vai se propagar) para a língua como um todo ao longo do tempo –, usamos o termo *movimento de gramaticalização* (Görski; Valle, 2021) para nos referir a fenômenos linguísticos que aparentemente não se enquadram nessa expectativa geral,

¹⁴ No original: “[...] predominantly about the coherence relations between the proposition (clause) and the wider communicative context, be it the current text, the face-to-face speech situation and, within the latter, the speaker-hearer interaction.”

¹⁵ No original: “we now define grammaticalization as the change whereby lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions and, once grammaticalized, continue to develop new grammatical functions.”

correspondendo a usos que podem ser relativamente emergentes ou mesmo já fixados, mas cujo espraiamento se limita a *certos grupos* ou a *certos contextos*, sem uma previsão de difusão e/ou transmissão mais ampla.

Nesse aspecto, há uma clara relação com a Sociolinguística Variacionista ao se contextualizar instâncias de gramaticalização em grupos sociais (Androutsopoulos, 1999). É nesse sentido que Kotsinas (1997) considera que novos usos podem indexicalizar marca de identidade de um grupo; que Traugott (2001) chama a atenção para a correlação entre funções gramaticais de um item e funções socialmente simbólicas ou estilísticas; e que Heine e Kuteva (2007) falam em condições sociolinguísticas para a gramaticalização.

Abraçamos, portanto, a ideia de que usos situados em determinados grupos ou contextos, cujo escopo pode ser bastante elástico, também podem ser tratados sob a perspectiva da gramaticalização, do que são exemplos os casos abordados na seção a seguir.

4 O caso do conector *daí* e do marcador discursivo *entendesse?*

O item *daí* foi inicialmente analisado por Tavares (2003; 2019) em amostra de fala da comunidade de Florianópolis/SC (Projeto Varsul – década de 1990). O item *entendesse?* foi inicialmente analisado por Valle (2014) em amostra de fala da comunidade da Barra da Lagoa, bairro/distrito de Florianópolis (Amostra Brescancini-Valle – décadas de 2001-2010). Essas amostras foram constituídas por informantes estratificados em células sociais (quanto a faixa etária, sexo/gênero e nível de escolaridade), de acordo com a metodologia laboviana que caracteriza grande parte dos bancos de dados sociolinguísticos brasileiros, e representam, em princípio, diferentes comunidades de fala. Como se chega a interpretar o funcionamento de *daí* e de *entendesse?* atrelado a outros grupos sociais? É disso que tratamos nas subseções a seguir.

4.1 *Daí*: difusão em diferentes grupos sociais

Em um estudo sobre a variação entre os conectores *e*, *aí*, *daí* e *então* na comunidade de fala de Florianópolis (dados da década de 1990), Tavares (2019) constatou que o espraiamento do *daí* restringia-se aos dois grupos etários mais jovens, de 15 a 21 anos (especificamente entre as garotas dessa faixa etária) e de 09 a 12 anos (sem distinção de gênero significativa). Em

contraste, o uso do *daí* foi baixo (em torno de 2%) entre os grupos etários mais velhos (acima de 25 anos). Esse resultado foi interpretado como um caso de mudança por difusão, via contato com falantes de comunidades externas (diferente de transmissão geracional interna à comunidade de fala).

A difusão pode envolver mudança abrupta no sentido de que certos grupos sociais utilizam com alta frequência a forma inovadora, ao passo que outros grupos pouco a utilizam. Para Kerswill et al. (2013), “o que caracteriza os cenários de contato é que há uma descontinuidade linguística entre gerações” (Kerswill et al., 2013, p. 266).¹⁶ Tavares (2019), fazendo coro com Guy (2011), pontua que a difusão pode ser explicada “pela *dinâmica social da comunidade* receptora, incluindo questões de *construção identitária* e tipos variados de *afiliações a redes sociais*” (Guy, 2011 *apud* Tavares, 2019, p. 83; grifos acrescidos).

A difusão de traços linguísticos é influenciada pelas redes sociais de um indivíduo, isto é, outros indivíduos com os quais interage cotidianamente e com os quais se identifica. Ainda não foram realizadas pesquisas sobre a difusão do *daí* em redes sociais, mas, no caso dos informantes de 09 a 12 anos de Florianópolis, faixa etária em que esse item é mais recorrente, redes sociais estabelecidas no ambiente escolar podem ter exercido papel significativo. Dos 12 informantes de 09 a 12 anos, 9 contaram com taxas de 50% a 89% de uso do *daí*, e 3 com taxas de 1% a 26%. Os 3 informantes com taxas mais elevadas (de mais de 80%) frequentavam a mesma escola, o que é um indício de que redes sociais aí constituídas podem ter servido como elemento propulsor do avanço do *daí* entre os informantes.¹⁷

Sobre a difusão do conector *daí* no PB como um todo, Tavares (2019) sugere que o processo vem acontecendo paulatinamente, tendo atestado que existem desde comunidades de fala em que seu uso já era intenso em todos os grupos etários na década de 1990, a exemplo de Lages/SC (Projeto Varsul), a comunidades em que ele é pouco ou mesmo não utilizado, a exemplo de Natal/RN (Banco de Dados FALA-Natal). O avanço de uma mudança em termos de frequência de uso pode, portanto, não ser uniforme, o que exige cautela ao se falar de gramaticalização *na* língua em casos como o do *daí*, um conector geograficamente restrito. Pesquisas sobre a gramaticalização desse

¹⁶ No original: “what characterizes contact scenarios is that there is a linguistic discontinuity between generations.”

¹⁷ Na faixa etária de 09 a 12 anos, os quatro conectores tomados como variantes por Tavares (2003) apresentaram as seguintes taxas de ocorrência: (i) *e* com 26%; (ii) *ai* com 13%; (iii) *daí* com 60%; e (iv) *então* com 01%. O total de dados foi de 1.146. Para a distribuição quantitativa desses conectores nas demais faixas etárias, confira-se Tavares (2003).

conector que não levem em conta dados provindos de diferentes comunidades de fala podem chegar a conclusões equivocadas.

Não se pode falar de gramaticalização *na* língua como um todo também no que se refere a alterações semântico-pragmático-discursivas sofridas pelas formas. É possível que o processo de extensão no componente semântico-pragmático-discursivo da gramaticalização não seja socialmente uniforme e uma forma pode se expandir funcionalmente de modo distinto, desenvolvendo novas funções a depender do grupo social, ou mesmo funções idênticas em todos os grupos, mas em velocidades variadas de incorporação de novas funções pelas formas.

Vejamos o que pode ser dito a esse respeito no caso do *daí*. Em um estudo sociofuncionalista, Tavares (2003) observou que, no *corpus* de Florianópolis, esse conector, assim como *e*, *aí* e *então*, desempenha cinco funções semântico-pragmáticas. Na função de sequenciação temporal, *daí* sinaliza uma relação de cronologia temporal sucessiva entre eventos; na sequenciação textual, sequencia textualmente informações relevantes para um mesmo tópico; na consequência/conclusão, assinala a introdução de informações que representam consequência ou conclusão em relação a informações prévias; na retomada, destaca a volta a um tópico que havia sido interrompido por uma digressão; na finalização, marca a introdução de uma oração que indica o final de um tópico. A autora obteve evidências sincrônicas e diacrônicas de que a primeira função adquirida pelo *daí* em seu processo de gramaticalização como conector pode ter sido a indicação de consequência/conclusão, a que devem ter se seguido as indicações de sequenciação temporal e sequenciação textual, e, por fim, as indicações de retomada e finalização.

Um ponto fundamental concernente ao processo de difusão regional do *daí* é se, quando ele chega a uma nova comunidade de fala, chega com todas as funções supracitadas, ou se elas vão sendo desenvolvidas gradualmente. Além disso, é possível que, em uma nova comunidade, esse conector adquira funções não existentes nas comunidades de origem? Padrões de extensão funcional do *daí* podem ser distintos dependendo do grupo social envolvido?

O caso do *daí* aponta, pois, para questões que merecem ser exploradas no que tange à relação entre grupos sociais e gramaticalização. Por exemplo, como se movimentam os processos de gramaticalização em termos regionais e nacionais? Diferentes ritmos de difusão entre comunidades de fala interferem no avanço da gramaticalização? E quanto a grupos sociais mais específicos (redes sociais, comunidades de prática), qual o impacto que

exercem sobre a gramaticalização, tanto em termos de ampliação da frequência de uso quanto de extensão de significados semântico-pragmático-discursivos? Pesquisas que se ocupem de tais questões, considerando o *locus* de diferentes grupos sociais no processo de mudança, podem delinear quadros mais detalhados de processos de gramaticalização.

42 Entendesse?: aceleração da mudança por forças identitárias

Em um estudo sociofuncionalista na comunidade da Barra da Lagoa, em Florianópolis/SC, Valle (2014) analisou um subgrupo de marcadores discursivos com atuações interacionais denominado requisitos de apoio discursivo (RADs), colocando foco sobre itens derivados do verbo *saber* (*sabe?*, *sabes?*) e do verbo *entender* (*entende?*, *entenden?*, *entendesse*, *tá entendendo?* e *tás entendendo?*).

A pesquisadora observou que os verbos *saber* e *entender*, com significados mais abstratos ligados à cognição, devem ter trilhado caminhos semelhantes e sua inserção em contextos interrogativos dialogais (em atos de fala diretivos) foi o que possivelmente propiciou o surgimento progressivo de usos inovadores, voltados para a interação e contato com o interlocutor e, posteriormente, para a organização textual/discursiva. Tal trajetória, que parece ser geral no PB e também é comum entre verbos de cognição em diferentes línguas românicas, está em consonância com o direcional concreto>abstrato previsto para a mudança das formas linguísticas (Heine; Claudi; Hünnemeyer, 1991) e com as propostas que entendem contextos dialogais como *locus* propício para o início de mudanças via gramaticalização como extensão (Traugott, 2008; Waltereit, 2006).

Os resultados da pesquisa indicam que, reunidas como *tokens* de um mesmo *type*, as formas derivadas de *entender* estariam em estágio menos avançado de mudança categorial (verbo>RAD) do que as formas derivadas de *saber*, em estágio mais avançado de gramaticalização, já que, de modo geral, estas estão menos vinculadas à categoria de origem (sem entonação de pergunta, com ausência de pausas e exigindo menos respostas do interlocutor) e com funções mais voltadas ao plano textual/discursivo (do que ao plano cognitivo e interacional). Contudo, ao se observar cada um dos *tokens* do *type entender*, os resultados para *entendesse?* foram bastante destoantes das demais formas desse grupo, aproximando-se do comportamento das formas derivadas de *saber* em termos de avanço no processo de mudança. As análises apontam que, por detrás desse comportamento destoante, está o significado social da forma

entendesse?, também usada de modo reduzido como *tendesse?* em Florianópolis e região, mais especificamente o significado que este item assume em comunidades mais vinculadas às tradições locais da ilha.

Cabe contextualizar que o bairro da Barra da Lagoa, comunidade tradicionalmente pesqueira na região leste de Florianópolis, que até a década de 1980 se manteve bastante isolada por conta das precárias condições das estradas e dos acidentes geográficos característicos da região, passou a receber grande fluxo turístico por conta de sua praia e também representativa quantidade de novos moradores, vindos principalmente, na época, do Rio Grande do Sul e de São Paulo e, mais recentemente, de diversas partes do Brasil e do exterior.

Com essa abertura, na região de Florianópolis, e especialmente em comunidades como a Barra da Lagoa, emergem conflitos socioculturais ao mesmo tempo que ganha força a cultura local. Nesse rearranjo social, *entendesse?*, para além de ser compreendido como marca identitária da região da Grande Florianópolis e de outras localidades litorâneas próximas, com colonização de base açoriana, é usado para indexar o posicionamento dos indivíduos sobre a valorização de uma cultura local, adquirindo um componente ideológico, o que fica evidente pela sua disseminação nas mídias sociais, notícias, propagandas e por personagens estereotipados da cultura local.

Essa nova camada de significação, associada ao contexto sócio-histórico da grande Florianópolis, às condições socioculturais da cidade e do bairro investigado no momento da pesquisa e às posturas individuais dos sujeitos em relação à cultura local, foi considerada por Valle (2014) como potencial responsável por acelerar o ritmo de gramaticalização desse *token* específico.

Para captar a dimensão dessa força motriz social na aceleração da mudança de *entendesse?*, a autora construiu uma variável complexa denominada *grau de identificação com o local*, composta por aspectos ligados às características da fala dos florianopolitanos, ao localismo e mobilidade dos indivíduos e à avaliação/vínculo que esses estabeleciam em relação a moradores não nativos. A operacionalização dessa variável complexa revelou que dentro da amostra mais ampla da Barra da Lagoa há um grupo de indivíduos em particular que, além de nativos, também se identificam em maior medida com o local onde moram, o que reflete uma divisão importante existente no próprio bairro.

Os resultados obtidos evidenciam que *entendesse?* é altamente favorecido entre esses indivíduos que apresentam marcas linguísticas ligadas à identidade

local, maior localismo e menor deslocamento para fora da comunidade e menor vínculo em relação aos moradores não nativos. Isso explicaria o comportamento destoante desse *token*, com funções e grau de mudança categorial mais semelhantes aos marcadores do *type saber*. Cabe ressaltar que a variável *grau de identificação com o local*, pensada a partir de dinâmicas sociais locais e da postura dos indivíduos sobre elas, revelou muito mais sobre as forças socioculturais envolvidas na mudança dos RADs do que macrocategorias sociais clássicas (como sexo, idade e escolaridade) também testadas por Valle nessa pesquisa e em trabalho anterior (Valle 2001, 2014).

Em síntese, tanto os MDs derivados de *saber* (*sabe?* e *sabes?*) quanto o *token* específico *entendesse?* se mostram em estágio mais avançado de gramaticalização, assumindo papéis mais voltados à organização textual-discursiva, porém as forças motivadoras para a mudança parecem ser distintas. *Sabe(s)?* pode estar em estágio mais avançado de mudança por conta de sua origem em verbo com matiz semântico que remete a estados ou a características inerentes àquele que sabe, por sua estrutura menor e menos complexa e por sua alta frequência, o que lhe confere o status de item menos marcado; já sobre *entendesse?* estariam atuando forças motrizes socioculturais que fazem com que esse item seja o preferido entre indivíduos com maior grau de identificação com a comunidade e justamente essas forças é que seriam as responsáveis pela aceleração do ritmo da gramaticalização para esse marcador.

Assim, se, por um lado, pode-se considerar que os RADs derivados de *saber* e *entender*, tomados em conjunto, encontram-se em processo de gramaticalização no português brasileiro como um todo, por outro lado, as formas individuais escolhidas em cada região do Brasil podem ser distintas e os estágios de gramaticalização de cada uma delas também. Esse é o caso de *(en)entendesse?* que, apesar de não ser usado como RAD em São Paulo, por exemplo, apresenta *movimentos de gramaticalização* (Görski, Valle, 2021) em Florianópolis, não atingindo a língua como um todo, mas sendo altamente produtivo e gramaticalizado localmente, configurando-se como forte traço identitário local. Do mesmo modo que para *daí*, o grupo social interfere nos padrões funcionais e no estágio de gramaticalização do MD em pauta, que nem chega a entrar em comunidades como a paulistana, onde o uso de *tu* não é frequente.

Percebe-se, pois, o impacto das forças motrizes socioculturais no processo de gramaticalização de marcadores discursivos, o que nos leva a querer saber mais sobre como posturas individuais dentro de grupos sociais

específicos podem impulsionar a mudança, ainda que em contextos mais restritos.

5 Considerações finais

O artigo se propôs a discutir a ideia de que o ritmo da gramaticalização depende de condições sociolinguísticas e que, portanto, mudanças no uso de determinados itens/construções – associadas a expansões semântico-pragmáticas e alterações categoriais – podem ser aceleradas e amplamente disseminadas entre os falantes de uma dada língua, ou freadas e circunscritas a certas comunidades de fala ou a certos grupos sociais. Nesse sentido, a Sociolinguística Variacionista oferece importantes contribuições para os estudos de gramaticalização, notadamente ao expandir sua perspectiva analítica em relação ao significado social da variação, seja atrelado a diferentes grupos (comunidade de fala, redes sociais, comunidade de práticas), seja atrelado a comportamentos dos indivíduos nos grupos, com acentuada marca estilístico-identitária; além de postular a noção de mudança em curso.

Entendemos, pois, que processos de gramaticalização mais, ou menos, avançados – que podem ser identificados, respectivamente, como *gramaticalização em curso* ou como *movimentos de gramaticalização* – têm íntima relação com a configuração dos grupos onde os fenômenos linguísticos são encontrados, considerando-se especialmente a dimensão social. Desse modo, naturalmente o olhar para apenas um grupo não permite fazer generalizações sobre o processo de gramaticalização de item/construção em uma língua como um todo. Por outro lado, é possível e desejável considerar que em grupos mais restritos podem ser captados movimentos de gramaticalização, em que fenômenos linguísticos emergem ou mesmo já estão fixados, mas cujo espalhamento se limita a *certos grupos* ou a *certos contextos*. Além disso, a expansão funcional pode se dar de forma diversa, sendo que certas funções podem emergir em um grupo e não em outro.

Do ponto de vista metodológico, esperamos ter mostrado que – mesmo a partir de estudos sociofuncionalistas com base em amostras de entrevistas sociolinguísticas estratificadas em comunidades de fala – é possível flagrar movimento de gramaticalização de um dado item (uma variante em termos sociolinguísticos) com base na dinâmica social de um subgrupo da comunidade.

Por fim, defendemos que estudos de gramaticalização – seja em perspectiva estrita (exemplificados com o funcionamento da perífrase *ir + INF*

na expressão de tempo futuro), seja em perspectiva estendida (exemplificados com o funcionamento de *daí e entendesse?*) – incorporem uma dimensão socialmente situada, de modo a contemplar não só fenômenos que atingem a língua como um todo (embora com possíveis restrições contextuais), mas também usos emergentes e circulantes em diferentes grupos sociais, já que estes podem ter relação com os desdobramentos da gramaticalização.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, K. O. de A emergência e a expansão de usos linguísticos inovadores em comunidade de práticas: o caso de {-S_{TE}} na página Tal Qual Dublagens. **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 168-196, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2020v21n1p168>. Acesso em: 13 novembro 2025.
- ANDROUTSOPOULOS, J. K. Grammaticalization in young people's language: the case of German. **Belgian Journal of Linguistics**, Bruxelas, v. 13, p. 155-176, 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/bjl.13.09and>. Acesso em: 12 outubro 2024.
- AZEVEDO, I. C. M. de; FREITAG, R. M. K. **Cartografia da pesquisa em linguagem no Nordeste**: áreas emergentes, aplicações para o ensino e interfaces. Campinas: Pontes, 2023.
- BRAGANÇA, M. L. L. **Uma proposta de articulação teórico-metodológica entre os campos variacionista, funcionalista e dialógico para o tratamento de variação/mudança**: reflexões a partir da expressão do futuro do presente. Orientadora: Edair Maria Görski. 2017. 696 fl. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- ECKERT, P. **Linguistic variation as social practice**: the linguistic construction of social meaning in Belten High. Oxford: Blackwell, 2000.
- Eckert, 2022 [2012]), 2006, 2000
- ECKERT, P. Communities of practice. In: BROWN, K. (Ed.). 2 ed. **Encyclopedia of language and linguistics**. Amsterdam: Elsevier, 2006. p. 683-685.
- ECKERT, P. As três ondas do estudo da variação: a emergência do significado no estudo da variação sociolinguística. Tradução por Samuel Gomes de Oliveira; Livia Majolo Rockenbach; Athany Gutierrez. **Organon**, Porto Alegre, v. 37, n. 73, p. 268-291, 2022.

ERMAN, B. Grammaticalization in progress: the case of or something. **Papers from The XVth Scandinavian Conference of Linguistics**, Oslo, 1995. p. 136-147. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/292046649>. Acesso em: 10 março 2025.

FIGUEROA, E. **Sociolinguistic metatheory**. Oxford: Pergamon, 1994.

FREITAG, R. M. K. (Org). **Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística**. Blucher Open Access, 2014. Disponível em: <https://blucher.com.br/openaccess/metodologia-sociolinguistica/001.pdf>. Acesso em 20 setembro 2025.

GIBBON, A. de O. **Trajetória de gramaticalização da perífrase ir (presente) + infinitivo no domínio funcional do futuro: análise sincrônica e diacrônica em amostras de fala e escrita gaúchas**. Orientadora: Edair Maria Görski. 2014. 365 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

GIVÓN, T. **Syntax: an introduction**. v. 1. Philadelphia: John Benjamins, 2001.

GIVÓN, T. **Bio-linguistics**. the Santa Barbara Lectures. Philadelphia: John Benjamins, 2002.

GIVÓN, T. **On understanding grammar** (revised edition). Philadelphia: John Benjamins, 2018.

GÖRSKI, E. M.; PAZA, C. R. M. Interface sociofuncionalista: estado da arte e desafios. In: FREITAG, R. M. K.; BARBOSA, J. B. (Org.). **Tendências da Sociolinguística brasileira** (a sair).

GÖRSKI, E. M.; TAVARES, M. A. O objeto de estudo na interface variação-gramaticalização. In: BAGNO, M.; CASSEB-GALVÃO, V. C.; REZENDE, T. F. (Orgs.). **Dinâmicas funcionais da mudança linguística**. São Paulo: Parábola. 2017. p.35-63

GÖRSKI, E. M.; VALLE, C. R. M. A dinâmica do significado social na gramaticalização: desafios para uma abordagem sociofuncionalista. **Estudos da Língua(gem)**. Vitória da Conquista, v. 19, n. 4, p. 183-207 dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/9278b>. Acesso em: 18 julho 2023.

GUY, G. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. **II Congresso internacional da Abralin**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2001.

HEINE, B.; KUTEVA, T. **The genesis of grammar**: a reconstruction. New York: Oxford University Press, 2007.

HEINE, B.; NARROG, H. Grammaticalization and linguistic analysis. In: HEINE, B.; NARROG, H. (Eds.). **The Oxford handbook of linguistic analysis**. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2015. p. 407-428.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization**: a conceptual framework. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (Eds.). **Approaches to grammaticalization**: focus on theoretical and methodological issues. v. 1. Philadelphia: John Benjamins, 1991. p. 7-35.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

KERSWILL, P.; CHESHIRE, J.; FOX, S.; TORGERSEN, E. English as a contact language: the role of children and adolescents. In: SCHREIER, D.; HUNDT, M. (Eds.). **English as a contact language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 258-282.

KOTSINAS, U-B. Young people's language. Norm, variation and language change. **Stockholm Studies in Modern Philology**, Estocolmo, v. 11, p. 109-132, 1997.

KURYLOWICZ, J. The evolution of grammatical categories. **Diogenes**, Newbury Park, v. 13, n. 51, p. 55-71, 1965. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/039219216501305105>. Acesso em: 29 fevereiro 2024.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. Edição original 1972.

LABOV, W. Building on empirical foundations. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Eds.) **Perspectives on historical linguistics**. Philadelphia: John Benjamins, 1982. p. 17-92.

MILROY, L. **Language and social networks**. Oxford: Blackwell, 1980.

NEVALAINEN, T.; PALANDER-COLLIN, M. Grammaticalization and sociolinguistics. In: HEINE, B.; NARROG, H. (Eds.) **The Oxford handbook of grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 118-129.

PATRICK, P. L. The speech community. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING-ESTES, N. (Eds.). **The handbook of language variation and change**. Oxford: Blackwell, 2004. p. 573-597.

PETRÉ, P.; VAN de VELDE, F. The real-time dynamics of the individual and the community in grammaticalization. **Language**, Washington DC, v. 94, n. 4, p. 867-901, 2018. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/26630403>. Acesso em 26 abril 2023.

Nevalainen e Palander-Collin (2011)

ROMAINE, S. What is a speech community? In: ROMAINE, S. **Sociolinguistic variation in speech communities**. London: Edward Arnold, 1982.

TAVARES, M. A. **A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO**: estratificação/ variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista. Orientadora: Edair Maria Görski. 2003. 307 fl. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TAVARES, M. A. Aumento intenso no uso do conector *daí* em Florianópolis: mudança por difusão? **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 3, p. 76-95, set-dez/2019. Disponível em: <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1674>. Acesso em: 14 outubro 2024.

TRAUGOTT, E. C. Zeroing in on multifunctionality and style. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Ed.) **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 127-138.

TRAUGOTT, E. C. “All that he endeavored to prove was...”: on the emergence of grammatical constructions in dialogical and dialogic contexts. In: COOPER, R.; KEMPSON, R. (Eds.). **Language in flux**: dialogue coordination, language variation, change and evolution. London: Kings College Publications, 2008. p. 143-177.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization. In: LURAGHI, S.; BUBENIK, V. (Eds.). **Continuum companion to historical linguistics**. London/New York: Continuum International Publishing Group, 2010. p. 269-283.

VALLE, C. R. M. **Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos**: forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição. Orientadora: Edair Maria Görski. 2014. 415 fl. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

VALLE, C. R. M. **Sabe?~não tem?~entende?**: itens de origem verbal em variação como requisitos de apoio discursivo. Orientadora: Edair Maria Görski. 2001. 172 fl. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de

Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

WALTEREIT, R. The rise of discourse markers in Italian: a specific type of language change. In: FISCHER, K. (Ed.) **Approaches to discourse markers**. Oxford: Elsevier, 2006. p. 61-76.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução por Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006. Edição original 1968.

Recebido em outubro de 2025.

Aprovado em dezembro de 2025.

Publicado em dezembro de 2025.

SOBRE AS AUTORAS

Edair Maria Görski é doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina, atuando na área de Linguística teórica, descritiva e experimental, na linha de pesquisa História, contato, variação e mudança linguística. Temas de interesse: sociofuncionalismo, gramaticalização, variação e mudança linguística, significado social e estilístico. E-mail:

Carla Regina Martins Valle é doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. É professora dessa instituição, atuando na Graduação em Letras, no Programas de Pós-Graduação em Linguística e no Prof-Letras, na área de Linguística teórica, descritiva e experimental, nas linhas de pesquisa História, contato, variação e mudança linguística e Linguagem, política e sociedade. Temas de interesse: sociofuncionalismo, marcadores discursivos, variação estilística, identidade linguística, gramaticalização e ensino.

Maria Alice Tavares é doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina. É professora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, atuando no Departamento de Letras e no Curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, na área de Linguística teórica e descritiva, na linha de pesquisa Discurso, cognição e interação. Temas de interesse: sociofuncionalismo, variação discursiva, gramaticalização, conectores, marcadores discursivos e ensino.